*ALGODÃO – Preços Mínimos Oficiais e Preços Médios Recebidos pelos Produtores, no Início da Comercialização da Safra *, no Paraná – 1981/82 e 1982/83 (Cr$/arroba)*

Preço Mínimo 1981/82 (A)	Preço Mínimo 1982/83 (B)	B/A	Preço Recebido 1981/82 (C)	Preço Recebido 1982/83 (D)	D/C	C/A	D/B
958,05	1.886,10	1,97	899,70	1.772,70	1,99	0,94	0,94

* Mês de março.
FONTE: Centro de Estudos Agrícolas/FGV e CFP.

Na atual comercialização, tanto em nível de mercado, como em relação ao preço mínimo, o cotonicultor recebeu, em março, um preço 7% inferior, em termos reais, ao recebido no mesmo período, em 1982. Também a safra 1981/82 teve estes preços abaixo dos de sua precedente. Assim, a CFP poderá ser, novamente, a principal compradora, pois o preço do mercado está abaixo do preço mínimo, situação que deverá permanecer durante o pico da comercialização, se a indústria continuar optando por não formar estoques e os preços seguirem no atual patamar.

A elevação de preços, que porventura venha a ocorrer nos próximos meses, dificilmente beneficiará a maioria dos produtores, devido à necessidade de recursos para cumprir os pagamentos do crédito de custeio, que começam a vencer neste período, obrigando à venda antecipada do produto. Se os preços prosseguirem em seu nível atual, o produtor deverá optar pela venda ao governo (AGF), pois o EGF não seria compensado pelos preços do mercado, futuramente. Deste modo, em nível de produtor, o preço auferido deverá ficar próximo do preço mínimo pago pela CFP.

ALGODÃO – Cotações Médias nas Bolsas de Mercadorias de São Paulo, Mênfis e Nova Iorque – Comparativo do Mês de Março de 1982 e 1983

Anos	Cotação do 1º futuro na B.M. de São Paulo (Cr$/kg)	Variação %	Cotação no mercado físico de Mênfis-EUA (US¢/lb-peso)	Variação %	Cotação do 1º futuro na B.M. de Nova Iorque-EUA (US¢/lb-peso)	Variação %	Cotação[1] do dólar norte-americano	Variação %
1982	3.124,00	–	61,36	–	64,94	–	144,37	–
1983	6.645,47	112,7	65,79	7,2	72,89	12,2	399,45	176,68

FONTE: Bolsa de Mercadorias de São Paulo e Bolsa de Mercadorias de Nova Iorque, via Unicom News.
[1] Cotação média de compra do Banco Central.

A comercialização do algodão na Bolsa de Mercadorias de São Paulo apresentou, em março do corrente ano, um aumento real em sua cotação (primeiro futuro) quando comparada com o valor vigente no mesmo período do ano passado. Na análise dos futuros mais distantes, porém, o *spread* demonstra que a perspectiva de preços reais daqui por diante é declinante. Esta projeção não é confirmada, entretanto, pelos indicadores de mercado, na medida em que as estimativas das exportações, tanto de produtos têxteis acabados, como de algodão em pluma, indicam que o suprimento do mercado interno, neste ano, não deverá apresentar excedentes, como ocorreu em 1982, fator que influenciou bastante a tendência de queda dos preços. Vale lembrar, ainda, que a performance do setor têxtil no tocante às exportações em 1982 ficou muito aquém da esperada, fator que atuou, também, no sentido de reduzir os preços.

No mercado internacional, a cotação *spot* encontra-se praticamente no mesmo nível de 1982 (valor real). A cotação do primeiro futuro (maio) na Bolsa de Mercadorias de Nova Iorque apresentou, em março, um aumento significativo, quando comparada com o mesmo período do ano passado, reflexo da expectativa de preços favoráveis, face à queda na qualidade da produção de algodão da URSS e à redução da oferta da próxima safra dos EUA. Assim, esperam-se cotações mais altas no segundo semestre, na entrada da safra do Hemisfério Norte.

SOJA: Preços Mínimos Oficiais e Preços Médios Recebidos pelos Produtores no Início da Comercialização da Safra, no Rio Grande do Sul

Preço Mínimo 1981/82(A)	Preço Mínimo 1982/83(B)	B/A	Preço Recebido 1981/82(C)	Preço Recebido 1982/83(D)	D/C	PRP/PM 1981/82	PRP/PM 1982/83
1.321,80	2.552,40	1,93	1.623,89	3.372,40	2,07	1,22	1,32

FONTE: CFP, Emater.

No início da comercialização da atual safra, a relação *preço recebido pelos produtores/preço mínimo de garantia* apresentou uma variação positiva, quando comparada à de 1981/82. Este fato decorreu do maior crescimento da remuneração obtida pelos sojicultores (107%) comparativamente à apresentada pelo preço mínimo oficial (93%).

O preço mínimo da soja tem, no entanto, pouca influência sobre as cotações internas, formadas, primordialmente, a partir das de Chicago. No caso desta oleaginosa, os preços oficiais servem apenas como referência para a tomada de Empréstimos do Governo Federal (EGF's).

Os preços recebidos pelos produtores, por sua vez, apresentaram um crescimento apenas ligeiramente inferior à inflação do período (109,7% entre março de 1982 e março de 1983) em função da vigência do Imposto de Exportação (IE) que neutralizou parcialmente os ganhos adicionais (potenciais) dos produtores, após a maxidesvalorização do cruzeiro, de fevereiro passado.

Essa relação deverá crescer substancialmente nos próximos meses, em decorrência da redução do IE de 20% para 5%, em meados de março, e do movimento altista das cotações externas, a partir da divulgação dos resultados da adoção do mais recente programa do governo norte-americano para a agricultura, o PIK.

SOJA: Cotações nas Bolsas de Mercadorias de São Paulo e Chicago — Comparativo dos Meses de Março de 1982 e de 1983

	Cotação do *Spot* B. M. de São Paulo (Cr$/60 kg)	Variação %	Cotação do *Spot*, na B. M. de Chicago (US¢/60 lb-peso)	Variação %	Cotação do Primeiro Futuro na B. M. de Chicago (US¢/60 lb-peso)	Variação %	Cotação[1]	Variação %
1982	1.794,96	—	614,86	—	610,33	—	144,37	—
1983	3.911,96	117,94	593,86	−3,41	579,26	−5,10	399,45	176,68

[1] Cotação média de compra do Banco Central.
FONTE: B. M. de São Paulo e B. M. de Chicago, via Unicom News.

O quadro acima mostra a variação dos preços internos e externos, nas Bolsas de Mercadorias de São Paulo e de Chicago, além da cotação do primeiro futuro em julho, no mercado externo, nos meses de março de 1982 e de 1983, e a taxa de câmbio nos mesmos períodos.

O mercado externo teve um comportamento decepcionante, este ano, uma vez que, há meses, publicações especializadas prognosticavam a recuperação dos preços do complexo soja. O que se observou, no entanto, foi uma queda das cotações externas, se se compararem os preços atuais (março) com os de um ano atrás. Registre-se que, naquela época as perspectivas de março para julho, consubstanciadas nos preços futuros, eram ainda, relativamente, mais pessimistas em 1983 do que em 1982.

Esse panorama sofreu uma mudança sensível com o anúncio, pelo USDA, da participação dos agricultores norte-americanos no Programa de Pagamento em Produto (PIK) que, além de reduzir a área plantada com cereais e com algodão, poderá, também, indiretamente, fazer cair a área de soja na atual safra do Hemisfério Norte.

Os preços internos, pelo menos na Bolsa de Mercadorias de São Paulo, conseguiram um desempenho um pouco melhor. Cresceram ligeiramente acima da inflação do período, talvez como reflexo da maxidesvalorização do cruzeiro, de fevereiro passado. Na realidade, essa pequena alta significa apenas uma recuperação dos baixos preços que vigoraram na comercialização de 1982, apesar da quebra da safra brasileira.

ARROZ AGULHA: Preços Mínimos Oficiais e Preços Médios Recebidos pelos Produtores no Início da Comercialização da Safra, no Rio Grande do Sul — 1981/82 e 1982/83
Cr$/60 kg

Preço Mínimo 1981/82(A)	Preço Mínimo 1982/83(B)	B/A	Preço Recebido* 1981/82(C)	Preço Recebido* 1982/83(D)	D/C	PRP/PM 1981/82	PRP/PM 1982/83
1.399,00	3.228,30	2,31	2.232,86	3.630,00	1,63	1,59	1,12

* Mês de março.
FONTE: CFP, EMATER.

Nos últimos anos, o mercado do arroz tem assegurado remunerações satisfatórias àqueles produtores capazes de obter elevados índices de produtividade, mediante a tecnificação de seus cultivos, ou inversamente, capazes de produzir o cereal com baixos custos de produção, embora com um rendimento físico nem sempre alto. Deste modo, as variações da área cultivada da orizicultura não são muito acentuadas e a produção, até recentemente ascendente, mantém-se estagnada, há algum tempo. Aliás, as últimas safras, mesmo tendo apresentado problemas, registraram números elevados, permitindo o atendimento ao consumo e a constituição de estoques substanciais. As relações de preços contidas no Quadro mostram que o preço mínimo oficial de compra do produto ganhou terreno, na comparação com os preços recebidos pelos orizicultores, entre a última safra e a atual. No entanto, se o primeiro indicador 1,59 foi, para o mercado do arroz, um resultado que pode ser considerado bom, o segundo, 1,12, é dos mais baixos já registrados. Com efeito, pode-se ver em **Agroanalysis**, vol. 4, nº 8 que a relação PRP/PM, entre 1966 e 1976 foi, em média, 1,44, atingindo seus pontos extremos em 1968 (2,01) e 1976 (1,11). A situação atual é de uma lavoura cujos preços mínimos mereceram reajustes favoráveis, para compensar a estagnação do mercado, mas que permanece com suas cotações indefinidas, enquanto prossegue atrasada a entrada do produto novo e não se define o real tamanho da safra. Ao que tudo indica, porém, a relação *preços recebidos pelos produtores/preço mínimo* deverá apresentar um certo aumento, ao longo da atual comercialização.

FEIJÃO PRETO DAS ÁGUAS: Preços Mínimos Oficiais e Preços Médios Recebidos pelos Produtores no Início da Comercialização da Safra, no Paraná
1981/82 e 1982/93 — Cr$/60 kg

Preço Mínimo 1981/82(A)	Preço Mínimo 1982/83(B)	B/A	Preço Recebido* 1981/82(C)	Preço Recebido* 1982/83(D)	D/C	PRP/PM* 1981/82	PRP/PM 1982/83
3.709,80	6.905,26	1,86	2.896,38	6.686,33	2,30	0,78	0,96

* Mês de janeiro.
**Preço recebido pelo produtor/preço mínimo.
FONTE: CFP, EMATER.

Em razão da conhecida inconstância da oferta de feijão, no país, o governo federal tem-lhe dedicado maiores atenções, nos últimos anos. Tal tratamento manifesta-se, por exemplo, na concessão de financiamento integral dos VBC's e na fixação de preços básicos considerados remuneradores. Na safra passada, porém, diante de uma inflação acumulada de 95%, entre outubro de 1981 e outubro de 1982 (quando é conhecido o preço mínimo do feijão), o preço de compra do governo situou-se 86% acima do preço mínimo anterior. Ocorre que fora mantido o privilégio em termos de financiamento integral para o plantio da safra 1982/83, mas a concessão de um preço básico elevado recolocaria o Estado na condição de maior adquirente e detentor de estoques do produto. As relações entre os preços recebidos pelos produtores de feijão preto, na safra das águas paranaense, e os preços institucionais, ilustram a situação deste mercado. Com efeito, nas duas safras, aquelas médias foram inferiores ao preço oficial, embora tenha havido uma sensível melhora na relação. Pode-se, porém, encontrar fáceis explicações para a mudança, pois a safra do Paraná foi bastante prejudicada pelo clima, ofertando, em grandes quantidades, feijão "chuvado", o que sobrevalorizou o produto bom. Paralelamente, o atraso da colheita redundou numa entrada tardia do produto novo, fazendo com que a média dos preços recebidos em fevereiro, quando o produto começou a surgir no mercado, caísse para Cr$ 6.077,00 segundo a Emater (a relação PRP/PM seria, em fevereiro, de 0,88). A redução também da oferta estimada para a safra da seca deverá sustentar as cotações, em função do aperto do balanço entre a oferta e a demanda do produto.

MILHO: Preços Mínimos Oficiais e Preços Médios Recebidos pelos Produtores no Início da Comercialização da Safra, no Estado do Paraná 1981/82 e 1982/83 – Cr$/60 kg

Preço Mínimo Safra 1981/82(A)	Preço Mínimo Safra 1982/83(B)	B/A	Preço Recebido* 1981/82(C)	Preço Recebido 1982/83(D)	D/C	PRP/PM** 1981/82	PRP/PM** 1982/83
1.028,40	1.974,00	1,92	839,00	1.810,00	2,16	0,92	0,82

* Março.
** Preço recebido pelo produtor/preço mínimo.
FONTE: SEAG/DERAL.

À semelhança do ocorrido em março de 1982, embora em menor escala, o preço recebido pelo produtor paranaense pela saca de milho, em março deste ano, foi inferior ao preço mínimo em vigor, conforme atestam as relações entre a remuneração obtida pelos produtores e o preço oficial, nas duas safras. Observe-se, porém, que o preço recebido, este ano, colocou-se mais próximo do preço de garantia, apenas porque este sofreu um reajuste nominal de somente 92%, enquanto os preços de mercado tiveram um reajuste de 116%. Esta remuneração, ainda que levemente superior à inflação do período, interrompeu o processo de descapitalização do produtor de milho do Centro-Sul, que novamente tem no AGF sua opção quase única de comercialização. Diante do exposto, tudo leva a crer que a comercialização do milho colhido na safra 1982/83 venha a ser muito semelhante à do ano passado, quando o governo foi o grande comprador do produto novo, constituindo consideráveis estoques do grão Paralelamente, a avicultura, fator mais dinâmico da demanda deste cereal, tem seu crescimento previsto em apenas 4% para o presente ano. Esta perspectiva, caso confirmada, significará, certamente, o afrouxamento do mercado de milho, ao longo do ano. Como arremate desse quadro pouco alentador, deve ser mencionada a possibilidade de não se concretizar a previsão da CFP de que a mistura da farinha de milho na panificação e na produção de massas comestíveis corresponderia a um aumento de 2% no consumo total do cereal, em 1983. O setor moageiro alega não dispor de recursos suficientes para, no curto prazo, adaptar os equipamentos para a introdução da farinha de milho na composição daqueles produtos alimentícios.